

# Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

## ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis  
Com estampilha..... 600 »  
Fóra do reino accresce o porte do correio.  
Pagamento adiantado.  
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

## DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

## PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.  
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.  
25 p. e. de abatimento aos srs. assignantes.  
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 8 de outubro

## As crises economicas

### IX

Conceder esse privilegio é um erro contra a doutrina do progresso, e um abuso contra o que é, a meu ver, um direito geral, e dos mais importantes.

E' tambem um perigo.

Quando esses titulos não tiverem a confiança do paiz, o governo não lh'a garante, não lh'a sustenta.

O que é que dispensa o Banco privilegiado de guardar as devidas proporções entre o capital proprio e o quantum exigivel, entre a caixa e a emissão? e quem assegura que não seja levado a ultrapassar todos os limites? e como podem os governos obrigar-o a que as respeite?

Em que tempo, em que circunstancias foram concedidos aos Bancos estrangeiros os privilegios da emissão?

Ao de Londres, quando Pitt luctava com a guerra continental — e não sabia d'onde haver as enormes sommas necessarias para essa lucta gigantesca.

Ao de França, quando Bonaparte, na ruina das finan-

ças da republica, não tinha meios para a segunda campanha d'Italia — então creou o Banco de França, — depois exigiu-lhe a reserva metalleica e deu-lhe em troca papeis do estado.

Ao de Austria — podemos dizer que em circunstancias iguaes.

A producção está na razão directa da circulação: o credito é um agente d'ambas — e as notas são um modo d'estendel-o e diffundil-o.

Deixar livre o credito equivale a dizer — deixae produzir livremente.

Restringir o credito é o mesmo que pear as forças productoras.

Resolver o problema da fazenda com monopolios é miseravel.

Esse meio é historico, e não é saudosa a sua memoria.

A concessão do Banco de Portugal do privilegio dos titulos fiduciarios, é um acto imitado do que se fez já em França por duas vezes, mal visto e combatido sempre.

Lá em 1857 o governo renovou esse privilegio ao Banco de França e com as mesmas condições e tambem com a obrigação de satisfazer a certos encargos do estado.

Mas em vez d'isso era melhor obrigar-o a pagar uma quota proporcional aos titu-

los que fosse emittindo; aqui mesmo ha que rebater o merito apregoado de semelhante projecto.

### X

Pela natureza e funções dos titulos fiduciarios não é nem póde ser um direito do estado o delegar ou ceder a alguém a faculdade d'emittil-os: são promessas de pagamento — um modo apenas de adial-o por mais ou menos tempo, enquanto os Bancos fazem circular os fundos disponiveis, a que dão uma acção util.

Não são uma especie de moeda, como alguns economistas affirmam; esta idéa é illusoria: o direito do estado a crear um privilegio sobre a emissão como um corollario do fabrico da moeda, é falso, é inadmissivel: porque a nota é como uma letra de cambio que circula, e que apresentada obriga a ser convertida em numerario, a ser trocada pelo que representa.

Quem esperava que até no Banco Emissor se desse uma singular contradicção com o novo thema — Reformas sociaes — cuja idéa e iniciativa se attribuem os progressistas?

O credito tende a concentrar-se nas mãos da burguezia rica; o empenho d'esta é sempre monopolisal-o.

Uma das exigencias da nossa época é facilital-o, e diffundil-o, é talvez a maior.

O sr. Marianno bateu as palmas a um discurso em que elle e outros eram encartados na direcção d'esse movimento reformador; o *Primeiro de Janeiro* e a *Provincia* declaravam esgotado o programma dos regeneradores; o snr. Oliveira Martins escrevia em 27 de janeiro: — *Compete ao partido progressista promulgar as reformas sociaes e praticar essa politica economica que é o nosso ideal, democratizando as instituições e annullando todas as machinas de absorpção illegitima da riqueza!*

Pois bem.

Que fez o snr. Marianno para iniciar esse movimento, para democratizar as instituições economicas, para annullar as machinas que absorvem a riqueza d'um modo illegitimo?

Que fez?

Propoz um privilegio, o monopolio do credito, que é a mais poderosa d'essas machinas contra as quaes se pronunciou o sr. Oliveira!

O projecto do governo concentra-o n'uma companhia privilegiada!

### XI

Saiba-se que na Inglaterra ha 145 Bancos particulares

e 63 com fundos reunidos, que possuem a faculdade emissora além do Banco principal, e dos da Escossia e da Irlanda.

O limite da emissão para os primeiros é de 4 milhões e 329 mil libras sterlinas.

Para os segundos de 3 milhões e 300 mil libras

Para o terceiro de 14 milhões e meio.

O fundo real dos 145 Bancos póde lá ser menos de 145 mil contos? Quanto mais não será?

Portanto é pelo menos sete vezes superior ao valor dos titulos.

Vinte e sete mil contos correspondem quasi a sete

## GAZETILHA

Toda a gente está pasmada Da mudança do *canudo*, Vem agora mais limpinho, Macio como o velludo.

O *Fagundes* já não brinca, Não vem dizer babosices; Como o puzemos á margem Tiram-os-lhe as pimponices.

Arrependido e constricto Da muita a-neira que fez, Foi a Santa Catharina Tomou tino d'esta vez.

Dizem que «quem torto nasce Tarde ou nunca se endireita»; Mas a Santa endireitou-o, Deve estar mui satisfeita.

Zé.

## (3) Folhetim da FOLHA D'OVAR

CONDESSA DE MONTEMERLI

## ENTRE DUAS MULHERES

TRADUÇÃO DE

Jayme T. Cirne de Magalhães

### III

Margarida

Seu marido *meio-artista meio-fidalgo* era um homem agradável e superficial, que a tornou feliz, sem comtudo estar á altura de avaliar o seu merecimento intellectual e moral. Margarida, que antes queria

dar do que receber, esforçava-se, tanto quanto podia, por merecer a sua estima; posto que a sua indole artistica e pensativa não lhe tolerasse prestar um verdadeiro culto ás coisas materiaes da vida, nunca lhe sorriu á mente a vil cubiça de estabelecer paralelo no meio do que dava e do que recebia em affectos e atenções. Exigia pouco para si, e mostrava-se sempre prompta a conceder muito. Da mesma fórma que o egoismo é inherente a milhares de individuos que se chamam os *felizes do mundo*, Margarida tinha nascido para o sacrificio. Em consequencia de importantes perdas de dinheiro, viveu por alguns annos a braços com difficuldades, não tendo outros recursos além do seu trabalho; porém, herdára uma boa fortuna e, sem cuidados pelo futuro, lisongeada pelos seus triumphos artisticos, a sua existencia parecia reservada para o socego e para a felicidade. Tinha viajado muito, demorando-se nas principaes cidades

da Europa, e aproveitára immenso com o seu vasto conhecimento de diversos povos e diversas sociedades. Tinha o seu espirito livre de preconceitos, superstições e pequenezas sociaes; julgava de tudo e poder-se-hia accrescentar com muita altura de vistas. Muito cotejada na sociedade, Margarida conservára-se séria e indifferente; não tinha encontrado até então que pessoa alguma a impressionasse devéras. Alguns homens, porém, tinham sentido por ella verdadeiro amor, que ella comprehendera e analysara, sem o retribuir; cheia de confiança na propria virtude, o seu nobre passado não lhe permittia duvidar do futuro. Aos 32 annos, não lhe parecia que podesse correr algum perigo; não sentia vacuo no coração, julgava amar o marido com quem casára por inclinação, sem perguntar a si mesma, todavia, se seria possivel amal-o sempre.

Em Florença fallava-se de Margarida Venosti com respeito e admiração; por parte de sua mãe per-

tencia ella a primeira nobreza florentina e era bemquista de todos os grandes fidalgos patricios de Dante. Seu marido Roberto Venosti, filho de um advogado de bastante fama, um pouco jurisconsulto elle mesmo, homem de gosto e de fortuna imposera-se á sympathia geral pelo seu genio bondoso e affavel. Tal era a situação dos Venostis quando chegou a Florença o conde Luciano Galaredi. Este fidalgo siciliano trazia consigo uma mulher de incontestavel formosura e dois filhos, um menino de 6 annos e uma menina de 4.

### IV

Amigos

O conde Galaredi estabeleceu-se luxuosamente em Florença, e em seguida visitou e recebeu em sua casa quantas pessoas distinctas ou notaveis continha a cidade. Tendo

habitado já por varias vezes a Toscana, o que fez apenas foi readquirir antigas relações; no numero d'essas contavam-se os Venostis.

O conde não sentia muita sympathia por Margarida, — «mulher e artista» — eram estes dois titulos que não estavam talhados para o molde do seu espirito. Não accetava como sincera a simplicidade de Margarida; imaginava que o demonio do orgulho existia por certo no intimo do seu coração; e tendo-a conhecido rapariga, tendo-a encontrado no estrangeiro como artista festejada, vendo-a agora mulher séria e respeitada, não se sentia com mais inclinação para ella do que sentira em outros tempos. Por sua parte, Margarida não contestava ao conde Galaredi os seus merecimentos; considerava-o até um homem eminente, mas parecia-lhe dever ficar para sempre com elle e sua familia nos termos de mais fria civilidade.

(Continúa)

milhões e meio de libras, isto é, á metade da emissão auctorizada no Banco d'Inglaterra!

Para haver paridade era necessario que o nosso Banco tivesse metade do fundo real do Banco inglez.

O que se teme é a ficção, e o sr. Marianno emquanto o capital real não excedeu treze mil contos, permittiu que houvesse 14 mil ficticios! 14 mil que nada representam! Mais ficção do que verdade!

Hoje o privilegio sobe a 40 mil contos de papel!

Lourenço d'Almeida e Medeiros

## UM TYPO

Armando ao effeito entre os ignorantes o quidam taxa de ineptias o que os mais competentes encarecem, o que não avalia, nem sabe avaliar, e por fim cae no descredito, e no escarneo de toda a gente.

Sem condições á altura dos seus atrevimentos julga, n'uma exaltação de jocosa e saloia pederia, abafar a critica na sua litteratura d'arriero.

Console-se o intrujão com as intrujices, o insolente com as affrontas, o pedante com as vanglorias, mas não deixemos o concussionario consolar-se com o proveito das suas porcas, e indecentes alicantinas, depois de já descobertas, nem lhe consintamos, que ainda queira cobrilas com arrogancias e trapalhices.

Os insultos, quando aquelle, que tolamente os dirige a quem não póde applical-os, é na verdade quem os merece, vão colar-se na testa do insultador, são como rotulos, para onde o desprezo e a chacote estão olhando e rindo.

O que publicamente se deshonra não tem força moral para se impôr a ninguem, e muito menos a quem vendendo na agonia da sua reputação já menos o despreza do que lastima. Não escondem os ares emproados e paspalhões o abatimento a covardia que a denuncia dos maus intentos e a certeza do descredito produzem.

Quem tentado pela cubiça, e para se livrar d'apertos, não quiz perder o ensejo d'uma exploração vilissima, os escandalos, que planeou e commetteu, hão de dar-lhe uma triste saliencia durante toda a vida. E' esse o verdadeiro e o inevitavel castigo.

## CONFRONTOS

XXXXIII

Carga d'Ossos, Berlangas, Placo, Godinho & C.<sup>a</sup>

A tuba chamára os camaradas do crime á reunião, onde se debateria a intriga com a ineptia, o herdeiro do assassino quasi pobre com o falsario quasi enriquecido pela impunidade.

Ambos queriam o commando da quadrilha, para á vontade receber o espolio do roubado.

A lucta era desigual. O herdeiro do assassino, o Berlangas faminto, não contava com a guerra surda, desleal e traiçoeira e ia apanhar do cofre o voto da desconfiança alli-

ciado pelo Carga d'Ossos, o vendido dos reaes. Este alugára por *mez magros cobres esverdeados*, por um *pinto avariado*, um miseravel ingrato, que ha tempos enxotára da porta para lhe não dar mezada.

E o Berlangas, o lazarento politico, ia receber o ponta-pé da ingratidão.

Elle tambem sentára a uma secretaria o miseravel que antes andára de mão em mão, leiloando a consciencia, sem que o preço fosse além do *pinto avariado*, e agora a besta, remediada com o ordenado pespégava o couce tradicional arranhando a mão que lhe dera a esmola.

Angelo, o ingrato, vingava metade d'Ovar das ingratidões do Berlangas.

Mas... Era o vinho que mandava em tal conciliabulo.

São os dois padres Francisco da Bonifacia e Manoel da Bichas conversando de mano a mano sobre as dificuldades da nação presente fazer uma boa *acquisição* quando depararam á entrada e sobre o primeiro patamar com uma garrafa encimada por uma vela de stearina.

Queriam assim os consulentes do conciliabulo iniciar os socios no assumpto que se ia discutir e indicar-lhes a casta de companheiros com que iam haver-se nos salões camararios.

Os padres assarapantaram-se e o padre Francisco engulhou o discurso que andava estudando havia annos.

Era o vinho, e pendente da garrafa só faltava uma moeda falsa—uma libra como as que vieram d'Elvas. A' reunião de lechados era preciso accrescentar o titulo de falsarios.

O Angelo tomou a palavra e em voz cava, cheia de bellos tremulos contou as excellencias da ingratidão aliada ás exigencias do estomago.

E de passagem foi bordando um largo elogio á sua pessoa.

Carga d'Ossos estava banzado, não era aquillo que esperava do homem que tinha comprado. Tossiu forte. Angelo comprehendeu e logo voltou as suas costumadas arrieiradas contra o triste Berlangas, o enxotado da camara.

A' parte varios couces, que na forma do costume distribuiu por aquelles que nas occasiões criticas lhe tinham dado o obulo, virou todo o seu fogo contra o pobre Berlangas que nem turgia nem mugia.

E o Berlangas era então o martyr da propria vingança. Tinha chegado ao estado de burro lazarento onde todas as moscas davam a sua ferroada.

A cadeira da presidencia era o fillão da sua desgraça, era o pelourinho onde o amarraram para á vontade o esphacellar.

Ralava-se o pobre, contorcía-se quando as aceradas setas da ironia o crivavam, e os circumstantes, pasmados de tanta audacia e de tanto rancor faziam—*ah!*

Pensava quanto melhor fóra lançar ao estreme esse ingrato quando com as lagrimas nos olhos lhe fóra pedir um emprego, e elle lhe dera a secretaria onde depois por vezes foi atraído.

E o Berlangas arrepellava-se por não ter aproveitado as lições dadas já por outros.

O Godinho tinha razão... Não era, porém, aquelle o momento opportuno.

A *assembleia* tomava-se de hilaridade em presença de ca-

sos comicos. O vinho nada dava para mais; e nem o Carga d'Ossos com toda a despeza feita podia tirar resultado além do rebaixamento do Berlangas.

O Berlangas via que a influencia declinava a olhos vistos.

Reconhecia a intriga do Carga que tinha conseguido afastar d'alli o Augusto Placo.

Para se salvar propoz que a reunião immediatamente se dissolvesse dando um voto á commissão executiva para escolher os candidatos ás eleições.

O bando rompeu logo em gritos—*isso não, isso não!*

Que haveria mais?—pensou o Berlangas.

Era por aquella proposta que o bando commandado pelo Carga esperava para dar o golpe de misericórdia na influencia e no poder do desgraçado Berlangas.

O Carga lá por detraz do grupo sorria-se, satisfeito com a sua obra.

A'manhã ninguem lhe disputaria o penacho e elle seria incontestavelmente o cabecilha dos limonadas como até agora tem sido o chefe dos moedeiros falsos.

E o Angelo foi convidado para fazer um hymno intitulado: *Pro Carga nostro*.

Ao Berlangas contrahiram-se-lhe as feições. Impallideceu. Ouviu por detraz de si uma voz igual á do João Carvoeiro, dizendo:—não mais comerás, o herdeiro d'um assassino!

O Berlangas não se conteve mais; deu um ponta-pé na garrafa como que querendo esmagar com tão simples movimento a alma do desgraçado que foi morto pelo punhal do assassino junto á Cova do Frade.

E o Berlangas ia gritando pela rua fóra: eu t'arrenego, eu t'esconjuro!

Pobre Berlangas, ás vezes os teus dizem que te vingaste...!!

(Do Povo d'Ovar n.º 167).

## Uma scena

NO GOVERNO CIVIL

A famosa resolução, que moveu alguns membros da camara d'Ovar a apresentarem-se á auctoridade superior do districto para abonarem com a sua *respeitavel presença* as curiosas informações, que ousaram dirigir ao ministro do reino sobre a venda da matta, devia ser consignada nos annaes do municipio.

Estamos a vêr a entrada solemne do grupo e os oculos do sr. Massa assestados sobre as graves figuras, com que a natureza os premiou.

Estamos a vêr o bacharel, não é preciso dizer o nome, com os risos característicos, e amiudando as excellencias, a expôr como eram injustas as arguições feitas a tão dignos e severos representantes da confiança popular.

Estamos a vêr o presidente, entregando o papel, em que declaram podres os pinheiros são e vigorosos, e que a porção vendida da matta era, *se tanto!*, a quadragésima parte de toda ella, dando-lhe d'este modo vinte e quatro legoas d'extensão, e estendendo-a para além de Vianna do Castello!

Ao mesmo tempo os serrotes rangiam no cerne d'essas arvores, que *ao mais feliz dos arrematantes* comprara um ec-

clesiastico para as obras de um azylo!!

Estejam certos os leitores, de que d'estas informações é que ha-de fazer caso o governo, são ellas, que vão influir no espirito de justiça, já provado, do sr. ministro do reino.

Os vogaes sahiram satisfeitos, o sr. Massa pareceu-lhes impressionado—e era o caso para isso—mas esqueceram-se de que atraz lhes ficava o delegado do governo, e o calculado effeito, que attribuiam ás suas cataduras, e que esperam fosse directamente transmitido ao governo, mallogrou-se. E' pena.

## NOTAS

1.<sup>a</sup>

A camara municipal póde ser dissolvida:

1.<sup>o</sup> Quando *por via d'inquerito*, ou syndicancia, se mostrar que a sua gerencia é nociva aos interesses dos seus administrados.

2.<sup>o</sup> Quando nos seus actos haja violação das leis vigentes. Código Administrativo, artigo 17.<sup>o</sup>, § 4.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup>

2.<sup>a</sup>

Todo o empregado publico, que em cousa ou negocio, de cuja disposição, administração, inspecção, fiscalisação, ou guarda estiver incumbido, tomar ou acceitar *por si* ou *por outrem* algum interesse *por compra ou por qualquer outro titulo ou modo*, será punido com a prisão de um a dois annos e multa correspondente. Código Penal, artigo 317.<sup>o</sup>

3.<sup>a</sup>

Este artigo é applicavel aos nomeados por eleição popular, e portanto aos vogaes das camaras. Artigo 327.<sup>o</sup>

4.<sup>a</sup>

Segundo o Código Administrativo a dissolução dos corpos eleitos não obsta ou não derime a acção criminal ou civil, que possa haver contra elles, e esta qualquer individuo com domicilio no concelho póde moverla—e sómente se livram os vogaes que assignaram—vencidos, as deliberações illegaes, ou criminaes, porque os outros são responsaveis.

Parece-nos bastante.

## SECÇÃO LITTERARIA

### N'UMA CONCHA

Podesse eu ser a concha nacarada  
Que, entre os coraes e as algas, a infinita  
Mansão do oceano habita  
E dorme, reclinada,

No fôfo leito das areias de oiro...  
Fosse eu a concha, e, ó perola marinha!  
Tu fosses o meu unico thesouro,  
Minha, sómente minha!

Ah! com que amor, no ondeante  
Regaço da agua, transparente e claro,  
Com que volupia, filha, com que anseio  
Eu as valvas de nacar apertára,  
Para guardar-te, toda palpitante,  
No fundo do meu seiol!

Olavo Bilac.

### Outomno

(CONCLUSÃO)

A festa por excellencia do outomno é a vindima. Succulentam-

se e amarellecem os cachos, e das robustas videiras pendem formosos e convidativos que a mão amiga ha de colher os seductores e risinhos pampanos. Opulentas dadas da natureza mãe! Os cachos de uvas! Vêde como elles se transparentam, como se delectam nas suas fôrmas tão correctas, como o prodigio da seiva lhes transmite doçura de sabor e como estão pedindo a necessaria transformação n'esse caldo sangue da terra que se chama vinho! As abelhas saciam-se, mordendo-os, pousando nos seus bagos esphericos reflectos de maná e zumbem em volta d'elles como se lhes dessem uma serenata, ou lhes sollicitassem a abundancia do mel para as suas laboriosas colmeias. Vêde os vindimadores inclinando-se e erguendo-se para cortar o cacho riquissimo, trabalho que amenizam com alegres «provas» e jovialissimas trovas do cancionero rural. Junto das cepas, as mais fecundissimas, sobre que rechem as bengãos do céu, nos grandes cestos de verga, esguios ou circulares, luzem as uvas brancas, negras, purpuras verdes como agua do mar, ora reflectindo a côr do ambar, ora o matiz da rosa que os ovalhos cingiram de collares das perolas.

Uma tarde estava eu em Malaga, n'uma vinha amenissima, que se desenrolava n'uma collina á beira do mar, voltando de continuo a vista para as doiradas margens pela areia das montanhas esmaltadas pelo sol poente, e sobre cujos pincaros se via como se fóra a lua cheia emergindo, o mais alto pico da Serra Nevada, circundada pelas reverberações de um céu esplendido e clarissimo. N'aquella uberima campina, entre cepas de cachos roxos e verdes, baixavam como côro, as raparigas da aldeia levando sobre as cabeças cestos similhantes ás amphoras antigas, reflectos de aureos e olorosos mostaceis, que lhes davam o aspecto das bellissimas cantoras gregas, quando nas planicies da Atica sustentavam sobre os braços, arqueados, ou sobre as formosas fontes, esculpidas por Phidias e Praxiteles, os templos dos deuses da Harmonia na sua simples architectura como os exámetros dos poetas.

Um dia tambem, passeava eu pelos campos de Mantua, nos ultimos dias de outubro, e acudiram-me á memoria os mais bellos versos do inimitavel Virgilio. Parou no caminho um carro puxado por bois que levavam sobre o pescoço calejado pela canga, grinaldas de congongas entretecidas de folhagens frescas como um aroma delicioso. Dois camponezes robustos e na flôr da mocidade, metidos dentro dos taipaes do carro, que era como um lagar ambulante, furavam as uvas com as cadencias e os compassos de uma graciosa dança nacional. Por uma especie de torneira cahia o espumoso e abundante jorro de vinho tão farto como o borbulhão de agua que resalta das rochas, espargindo no ambiente o aroma vivificador.

Em volta d'esse carro, rapazitos meio nús, porém coroados de cachos e folhas de videira, camponezas mantuanas d'uma belleza esculptural, com as roupinhas justas á cintura e os seios ornados de flôres, bailavam de tal modo e cantavam com tanta solemnidade e poesia, que julguei presenciar um d'aquelles bailados religiosos d'outros tempos como se o Deus Natureza vivesse e habitasse ainda alli, no sanctuario dos campos, recebendo as offerendas e holocaustos dos felizes camponezes. Oh! A vindima, o matiz das folhas, as avelludadas transparencias dos cachos, as videiras curvadas sob o doce fardo, os montões de uvas aqui e alli, as dornas e cestos a transbordarem, os carros chiando

e cruzando-se em todas as direcções, os alegres côros da «malta», os lagares onde pisam ao som da guitarra e das cantigas, a compasso de dança, o mosto olorissimo, a alegria exuberante, — tudo isto compõe um poema campestre, um idyllio que não pôde olvidar-se, cuja recordação recreia o espirito, e desvela para a imaginação os esplendidos céus da pura e inexgotável poesia.

Emilio Castelar.

NOTICIARIO

Iluminação

Prégamos no deserto, bem sabemos; mas isso pouco importa. As nossas repetidas queixas contra o pessimo serviço da iluminação publica não conseguem despertar o coração adormecido da senhora camara, representada pelo vice. Embora. Vamos cumprindo o nosso dever.

Ouçamos agora o Povo d'Ovar do vice actual, de agosto de 89:

«Nada mais interessante do que a iluminação publica cá da villa. A's vezes é sol e sol, 5 ou 6 horas da tarde, e já os candieiros da iluminação publica estão iluminando... as cabeças dos camaristas: outras vezes, ás 10 horas da noite vê-se a maior parte d'elles candieiros apagados.

N'esta boa terra anda tudo ás avessas.»

Bons tempos os d'então, porque ao menos havia luz até ás dez horas, e agora são oito horas, oito e meia... perfeita escuridão!

Para que dá noticia o vice por meio do seu canudo de mais 20 candieiros que muito breve vão ser collocados por essas ruas fóra? Para que? Para vistas?

Concluimos perfeitamente accordados com o ultimo periodo da noticia transcripta:—N'esta boa terra anda tudo ás avessas.

Santa Catharina

Teve a sua festa molhada, insipida por isso, esta advogada da humanidade inteira.

Ao arraial de sabbado, á noite, não affluíu povinho da villa, vista a má catadura do céu e depois a chuva, muita chuva e trovões. No domingo, foi diminuta a concorrência, tambem pelo mau tempo.

Por isso a festa a esta santa, na Ribeira, foi chôcha, foi uma festa em familia.

E passava despercebida esta festividade, se não fosse o estampido longinquo, de quando em quando, de um foguete, e á noiteinha de domingo, a muzica não tocasse uma peça no largo de Santo Antonio, de regresso da Ribeira.

Emfim, muito chôcha a festa em honra da santa.

Notas ligeiras

Regressou do Furadouro com sua familia, o sr. major Cruz.

—Baptizou-se na quarta-feira, dia 2, um filhinho do sr. Francisco Abragão.

—Recebemos uma correspondencia e uma poesia do nosso amigo Jayme-Zê que não publicamos porque—franqueza—a nossa «Folha» não nasceu para vasadouro das folicas amorosas dos srs. assignantes ou qualquer pessoa que necessite do balsamo de Santa Catharina!

—Partiu para a capital o nosso presado amigo Bernardo Quadros.

—Passaram o dia de Todos os

Santos na praia do Furadouro com suas ex.<sup>mas</sup> familias os srs. drs. Lopes Godinho e Barata, delegado em Oliveira d'Azemeis, o sr. F. Fonseca, muito digno e intelligente contador n'aquella comarca, Olympio Fonseca e José Marques.

—O sr. Eduardo Ferraz, deu no domingo uma reunião em sua casa, que correu animadissima.

—Na quinta-feira foi bastante a concorrência ao cemiterio d'esta villa.

As campas ornamentadas com tochas e flores. Os mausoleus estiveram abertos.

Como nos demais annos, a mesma tristeza, as mesmas lagrimas provocadas pela occasião e lugar, pela viva saudade do passado, tão viva e sentimental como o gemer dolente do campanario proximo que cessou só depois de terminada a visita aos mortos.

—Um tal Antonio Banca, padeiro, da Travessa das Ribas, vinha para casa, na noite de quarta para quinta-feira, quando foi agredido valentemente por um ou dois vultos que não conheceu. E' grave o seu estado.

Barbaridade!

—Chegou do Furadouro o nosso amigo João O. Gomes.

—Admiramos a brandura desacomumada do «Uivarensis» ultimo. Os «Riscos» não continuaram mais. Porque?

—Foi baptisada na segunda feira uma creança do nosso amigo o sr. Antonio Farraia, sendo padrinho o sr. Oliveira Gonçalves, das Pontes. Como não demos noticia do nascimento, por não sabermos, enviamos ao sr. Farraia os nossos parabens por aquelle motivo e pelo baptismo de segunda feira.

—Partiu ante-hontem para Oliveira d'Azemeis aonde vae dar dois espectaculos, o grande prestigeador Lara. Este bom Lara pede-nos para apresentarmos aqui o seu muito reconhecimento para todos os cavalheiros com quem conviveu durante a sua estada n'esta villa e no Furadouro, e tambem o agradável acolhimento e serviços que lhe foram prestados.

Que o sympathico Lara seja feliz na vizinha villa.

—Na terça-feira houve lanços rasoaveis na nossa Costa, excedentes alguns a 200\$000 réis.

E' bom.

—Um tempo chuvoso, aborrecido, que já faz lembrar o rigoroso inverno. E frio então de arrepear a gente.

—O Hotel do Furadouro fecha no dia 15 do corrente.

Esta praia contineu animada, com povinho de fóra.

—Chamamos a attenção do leitor para o artigo *Confrontos*—que no lugar competente inserimos.

Vale bem a pena admirar a prosa do ex-regenerador.

—Começam por estas noites proximas os ensaios da tuna «João Alves.»

Até que emfim...

Chronica do Tribunal

Para vergonha dos homens e desprestigio do sexo forte, quixou-se em juizo o sr. Arthur Muge, sapateiro, da rua das Neves, d'esta villa, contra as suas vizinhas Placida Marques, Graça Marques, Maria de Jesus Marques e Rosa Marques, por estas—côremos todos!—o ameaçarem com pancadas!!!

Na mesma participação accusa mais a sr.<sup>a</sup> Rosinha Marques por ella, a malereada, a desordeira, a má-lingua, chamar á sua cara metade *cara de sete*... — justos céos! —por chamar á esposa nomes tão feios, tão feios, que a decencie prohibe nos estampal-os aqui.

O ameaçado com pancadas pelas suas vizinhas apresentou testemu-

nhas, e espera vêr na *gaiola* as mariolas e terriveis mulhersinhas!

Para sua vergonha não seria melhor callar-se, sr. Arthurinho?

Ora valha-o Nosso Senhor dos Esquecidos.

—Foi por offender a moral publica e offender a sua vizinha Maria, que o Antonio Bonito respondeu em policia correccional e apanhou cinco dias de multa a cem réis, custas e sellos.

Chronica dos doentes

Passa, ha dias, bastante incommodado o nosso sincero amigo, distincto e primeiro collaborador politico do nosso semanario, o sr. dr. Almeida e Medeiros.

A sua ex.<sup>a</sup> desejamos o mais breve e completo restabelecimento.

—Guarda tambem e ha bastantes dias o leite, o nosso prestimoso amigo e valente correligionario, o sr. Manoel Joaquim Rodrigues, a quem appetecemos melhoras rapidas, sentindo taes incommodos que ha muito o não largam.

—Tem passado levemente mal o sr. Manoel José Ferreira Coelho, pae do nosso dedicado amigo e conceituado escrivão n'esta comarca sr. João Coelho.

—Ha bastante tempo e muito enferma tem estado a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Irene Brandão, neta do nosso amigo sr. Antonio Maria Valerio. Sentimos.

—Encontra-se melhor de uns leves incommodos que soffren esta semana, o nosso bom e franco amigo, Francisco Marques.

Muito estimamos.

—Tem soffrido pequenos incommodos, mas felizmente vae melhor, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Barbara Barboza.

CHRONICA

SANTA CATHARINA

Não fui, como prometti,—sabem? —á festa d'esta milagrosa santa, medica do céu, a unica que, por piedosa devoção, concerta as cabeças desequilibradas que tantas conheço, afóra tantissimas que ha por todo esse mundo fóra.

Não fui em passeio largo, até ao fim da Ribeira, visitar a velha morada da santa querida e evocada por quasi todos, porque o céu mostrou semblante carrancudo, medonho, e eu tive sempre muito respeito, fujo quanto posso por sahir á rua com o tempo escuro a ameaçar chuvas e relampagos. Por isso, fiquei-me em casa, e de lá rezei a Santa Catharina, pedindo juizo, não para mim, pois d'elle nunca necessitei, mas, pedindo sim por todos aquelles dos meus amigos e amigas que tolos nasceram e—parece-me—no mesmo e triste estado irão para a cova!

Deus que me livre! uma noite como a de sabbado...

Os trovões consecutivos, a chuva com toda a força, lá fóra,—tac, tac, e eu a tremer, a tremer, e a rezar a S. Jeronymo e á Santa festejada, a pedir muito e muito não me desconcertasse o juizinho, senão era capaz de me ir afogar nas poças do quinteiro e morrer estalado com o susto dos trovões!

Deus que me livre!

Os trovões consecutivos, a chuva com toda a força, lá fóra,—tac, tac, e eu a tremer, a tremer, e a rezar a S. Jeronymo e á Santa festejada, a pedir muito e muito não me desconcertasse o juizinho, senão era capaz de me ir afogar nas poças do quinteiro e morrer estalado com o susto dos trovões!

Deus que me livre!

Os trovões consecutivos, a chuva com toda a força, lá fóra,—tac, tac, e eu a tremer, a tremer, e a rezar a S. Jeronymo e á Santa festejada, a pedir muito e muito não me desconcertasse o juizinho, senão era capaz de me ir afogar nas poças do quinteiro e morrer estalado com o susto dos trovões!

Deus que me livre!

Os trovões consecutivos, a chuva com toda a força, lá fóra,—tac, tac, e eu a tremer, a tremer, e a rezar a S. Jeronymo e á Santa festejada, a pedir muito e muito não me desconcertasse o juizinho, senão era capaz de me ir afogar nas poças do quinteiro e morrer estalado com o susto dos trovões!

Ao amanhecer de domingo, abri a janella do meu cubiculo, olhei os astros, vi-os tão frescos, tão frescos, que até desatei em um berreiro desconforme á ponto de chamar a curiosidade da vizinhança que, muito assustada, veio logo saber a causa do meu berreiro desconforme, infernal, sendo eu obrigado a

saciar a curiosidade atrevida com doces palavras, com uma mentira.

Que tinha uma dôr agudissima no coração, mesmo no centro do coração, dôr produzida pelas paixões enraizadas por uma feiticeira que Deus enviou, por mal de todos os meus peccados, á minha presença para me tentar e para eu morrer na graça da divina tentação.

Que Deus me livre de tal.

Ora como o domingo apresentou-se feio, mais feio que tu—ó minha «cara-feia» d'outros tempos!—matei horas e horas a rezar por um rosario velho, do tempo do vinho a cinco réis o quartilho, unica herança que minha avó me deixou para rezar-lhe pela alma todas as manhãs ao sahir do ninho immaculado, santo, e todas as noites depois de accomm-dar o meu impertinente estomago.

Foi o que fiz, sempre banhado em lagrimas por não poder beijar os pés da Santa dos rapazes e cachopas, deitar um vintem na salva para ajuda das despezas nos festejos, e admirar mais uma vez o meu sempre querido Rossine, de batuta, a fazer figura de... palhaço de feira; e tambem para dar dois dedos de cavaco ao meu venerando Frei das Dores, perguntar-lhe quantos alqueires de milho consome por semana e quantas pipas de vinho por mez para apresentar uma paça enorme, superior ao bombo da muzica do Voserices, e umas faces tão rubicundas, tão appetitosas mesmo como qualquer pedaço de bacalhau pôdre, preto, molhado!

Assim, só fiz rezar e pedir juizo para o *heroe*, o vendido quatro vezes para os meus preclarissimos Frei das Dores dos Apostolos, para o immortal Rossine vareiro, e para o Charcot, primeiro medico na tolice, cuja morte seria uma perda insubstituivel para a minha terra.

Ahi tem vocês, seus leitores d'uma canna só, os motivos da minha mandrico, descontentamento, e pesar por uma chronica, rapida, momentanea, que vos apresentou, sem moral, sem substancia, e sem graça. Mas apesar d'isso tenho juizo, mais juizo que vós porque me lêdes.

Rezae, rezae a Santa Catharina. Eu não preciso. Tenho juizo para vender, dar e emprestar.

E todavia, ainda mais juizo tinha se não pensasse tanto em ti—ó minha feiticeira!

E ficae com as almas...

Jayme.

CORRESPONDENCIAS

Regoa, 5 de novembro

Estamos com o massador inverno. Dias pequenos e frio que pede já a boa braza na lareira domestica. N'este desgraçado torrão, em que vegeta a minha existencia inteira, não ha zona temperada.

No verão o asphyxiante calor tropical, ou a zona torrida, no inverno o asperissimo e intensissimo frio, ou a zona glacial.

E' para esta que caminhamos e este anno com mais vigor e rapidez, porquanto a minha sepultura de vida tem redobrado de peso e o meu vestuario de confortavel agasalho. Principia de má catadura esta respeitavel estação do anno. Oxalá não seja dispiedosa.

—O joven e sympathico artista e nosso amigo o sr. Antonio Pedro d'Oliveira, que se acha em Paris ha tempo dando mostras de habilidade do seu pincel, trata segundo nos consta, de regressar em breve ao seu importante solar de Fontellas, d'este concelho.

Julgamos conveniente advertir o publico d'esta partida, para que antes d'ella se effectuar se aproveitem os que quizerem do talen-

to especial d'aquelle nosso amigo para a especialidade de retratista a que se dedicou.

—O nosso intelligente e particular amigo, Joaquim Pedro d'Oliveira, em viagem scientifica e de recreio por Paris, n'uma carta que recebemos ha dias constanos um caso que por picoresco e engraçado apresentamos aos nossos leitores e que vem epigraphado de:—Milagre gorado.

Em Trie nos altos Pyreneus gozava de grandes creditos de mysticismo e vivia em cheiro de santidade uma rapariga que fallava com os Santos á meia noite e recebia d'elles verdadeiras imagens e registos da fabrica celestial. Uma noite que, Antonia Flotet dava sessões publicas de milagres, e que depois da duodecima badalada a concorrência, por um momento, ás escuras, se extasiava perante uma imagem impressa em brilhantes côres, que pela superabundancia do azul parecia cousa do céu, o *mair*, já prevenido chega de repente, e com a incredulidade caracteristica da auctoridade apoderada-se do registro milagroso, comprado de ha pouco por tres vintens n'uma capellista proxima e que contava com um bom resultado para pedir privilegio d'invenção, e da milagrosa Flotet espetando-lhe com os ossos na cadeia.

N'este concelho precisavamos assim d'um *mair* pois que ha Flotets tambem.

Com vista este milagre a quem compete reparar por os seus beneficos effeitos.

—Retiraram das praias e regressaram já a esta villa as importantes familias que a ellas tinham recorrido á procura de linitivo para as suas enfermidades.

Adeus até á semana.

S. Garrido.

ANNUNCIOS

A COMMERCIAL

Companhia de seguros contra fogo

Antonio de Souza Campos—com loja de fazendas nas Pontes, d'esta villa, toma se, guros contra fogos aqui e no Furadouro.

Preços rasoaveis.

Recebeu grande sortimento de fazendas proprias da estação.

Os preços são baratissimos.

Vejam e verão.

Companhia de Seguros INDEMNISADORA

AGENTE EM OVAR

Ernesto Augusto Zagallo de Lima

PRAÇA, 63

MACHINA DE COSTURA

Vende-se uma (Singer) em bom estado, propria para costureira ou alfaiate, por um preço rasoavel.

Para tratar—Joaquim Gomes da Silva, o *Merceneiro*.

RUA DA PRAÇA

OVAR

EDITORES--BELEM &amp; C.ª--LISBOA

**AGRADECIMENTO**

Os abaixo assignados, tendo mandado no dia 19 do mez passado celebrar uma missa para suffragar a alma de seu cunhado Joaquim José de Bastos, fallecido no Rio de Janeiro, veem agradecer a todas as pessoas que assistiram ao religioso acto, especializando n'este agradecimento o celebrante, rev.º Maia.

Ovar, 5 de novembro de 1893.

*Abel da Costa Lamy  
Rosa de Jesus.*

**AGRADECIMENTO**

Francisco Correia Dias, Maria Clara de Oliveira Pinto e Thomé Correia Dias, agradecem a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do finamento do seu chorado filho e sobrinho, Antonio, pedindo a todos desculpa de qualquer falta involuntaria.

Ovar, 6 de novembro de 1893.

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc., para limpeza dos dentes.

E. Zagallo de Lima — Praça, 65

**Imprensa Civilisação**

Largo da Pocinha, 73 a 77

PORTO

N'esta officina, imprime-se bilhetes de visita a 160, 200, 240, 300, 360 e 400 réis.

Fabricam-se carimbos de borracha.

**BILHETES DE LUCTO**

para agradecimento

Enviam-se pelo correio, a quem enviar a sua importancia adeantadamente.

**Fabrica de adubos chimicos do norte de Portugal**

Administrador—Astier de Villate, agronomo

**A**DUBOS para milho e feijão, leguminosas, vinho, cereaes, etc. Superphosphatos, phosphatos, nitratos, sulphato de potassa, chlorreto de potassa, kainst, gesso, cal. Dósa gens garantidas.

Enxofre em pedra e moído. Enxofre com sulphato de cobre, contra o oidium e mildew

Este enxofre tem a cor azul devida ao sulphato do cobre. Exigir esta cor, ficando certo que o preparado tem pelo menos 10 p. c. de sulphato de cobre.

Enxofre Skawinski. Escrip torio, rua Formosa, 250—Porto.

**A VIUVA MILLIONARIA**

ULTIMA PRODUCCÃO DE

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, a Avó, A Filha Maldita* e a *Esposa*, que teem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

*Edição illustrada com bellos chromos e gravuras*

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Pariz, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca EMILE RICHEBOURG provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e está evidentemente destinado a tomar logar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados a actualidade.

A empr. za. que procura sempre com o maior escripto correspondente dignamente ao favor dos seus assignantes espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

*Brinde a todos os assignantes*

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

Vista da Praça de D. Pedro

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 cores. copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjunto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

*Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.*

**Condições d'assignatura:**  
—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginas 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

A empreza considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de tres assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos

Acceita-se correspondente n'esta localidade.

**PRAIA DO FURADOURO**

O antigo e acreditado *Hotel do Furadouro*, abriu no dia 8 d'agosto e fecha a 15 de novembro.

O serviço é melhorado todos os annos, pois que o proprietario não se poupa a despesas para conseguir a commodidade dos seus hospedes.

Preços muito rasoaveis. Banhos quentes, d'agua salgada e doce.

Café e bilhar.

Completo sortido de bebidas nacionaes e estrangeiras. Vinhos da Vinicola e d'outros armazens.

Ha carros na estação a todos os comboios.

Pedidos ao proprietario  
*Silva Cerveira,*  
Ovar.

**COPIOGRAPHO**

De massa branca preparada pelo dr. Bergmann

O unico que até hoje tem dado bom resultado chegando a tirar 100 cópias perfectas.

Preços: formato almasso 1\$800 réis.

Formato commercial réis 1\$500.

Formato meio commercial 800 réis.

Tinta violeta do dr. Bergmann, frasco 200 réis.

Para a provincia accresce 200 réis em cada copiographo e 50 réis em cada frasco de tinta,

A' venda em Lisboa, rua Aurea, 69. Porto, A. J. Fernandes, largo dos Loyos, 44 e 45.

**NOTAS DE EXPEDIÇÃO**

Para encomendas

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77

**CARTÕES DE VISITA**

160, 200, 240 e 300 réis

Na Imprensa Civilisação.

**NOVIDADE**

Chegou a cerveja BOHEMIA e PRIMAVERA.

Quem tem calor vá ao Cerveira, na

PRAÇA.

**Livros para registo DE HOSPEDES**

E Relações dos mesmos que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar todos os dias ao commissariado de policia. Vendem-se na

**Imprensa Civilisação**

DE

MANOEL F. LEMOS

OFFICINA DE CONFIANÇA, FUNDADA EM 1878

73, Largo da Pocinha, 77

(R. de Santo Ildefonso)

R. de Passos Manoel, 192

PORTO

N'esta officina imprime-se com promptidão, nitidez e por preços relativamente modicos, todo e qualquer trabalho typographico.

Facturas, memoranduns, mappas, bilhetes de loja, envelopes, jornaes de pequeno e grande formato, obras de livro, todos os trabalhos para Associações de Soccorros, etc., etc., para o que ha abundancia de typos communs e de phantasia, bem como variadas e lindas combinações recebidas das principaes casas estrangeiras.

BILHETES DE VISITA a 160 e 200 réis o cento

BILHETES DE RIFA a preços baratos

BILHETES DE LUTO para agradecimento

Enviam-se pelo correio a quem fizer o pedido acompanhado da respectiva importancia.

**TEM A' VENDA:**

RELAÇÕES que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar com o nome dos hospedes ao commissariado de policia.

LIVROS para registo de hospedes.

RELAÇÕES de novo modelo para receber o juro das inscripções, bem como das obrigações de 4 e meio p. c., etc., etc.

TABELLAS do movimento da população, que os srs. regedores e parochos das freguezias são obrigados a enviar semanalmente para as administrações.

RECIBOS para todas as Juntas de parochia (modelo official).

ARRENDAMENTOS para caseiros e senhorios.

GUIAS para acompanhar a correspondencia official ao correio.

NOTAS de expedição para encomendas feitas pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Fabricam-se CARIMBOS DE BORRACHA tanto para particulares como para repartições publicas, por preços rasoaveis.

Na redacção d'este jornal toma-se conta de encomendas tanto de cartões de visita e rifa, como de outros impressos.

**NOVIDADE**

Cerveja DANUBIA e BOCK-BIRR.

Grande sortido de mantas, regatas, plastrons e lavaliers.

Vinhos finos da Companhia e de outros armazens, desde 100 a 1\$500-réis.

SILVA CERVEIRA

LOJA DO POVO

PRAÇA, 68—OVAR